

---

## A ABORDAGEM ETNOGRÁFICA COMO CAMINHO NA AMPLIAÇÃO DO CUIDADO DE ENFERMAGEM

### *AN ETHNOGRAPHY APPROACH AS IN A WAY OF EXTENDING NURSING CARE*

LUIZA JANE EYRE DE SOUZA VIEIRA<sup>1</sup>  
MARIA GRASIELA TEIXEIRA BARROSO<sup>2</sup>

---

*A etnografia é um método indicado para descobrir a maneira de viver, as experiências das pessoas, os sentimentos, ritos, padrões, significados, atitudes, comportamentos e ações. O objetivo do trabalho consistiu em discorrer sobre a abordagem etnográfica como um caminho na ampliação do cuidado em enfermagem. Utilizou-se a abordagem etnográfica como metodologia. A descrição dos domínios culturais mostrou como as famílias perceberam os casos de intoxicações exógenas com seus filhos, como se sentiram, quais os fatores socioculturais que, na visão de mundo dessas famílias, estão interferindo na segurança das crianças. Entende-se que estudos etnográficos proporcionam um conhecimento do ambiente natural das pessoas e tornam-se um aliado no planejamento e implementação das ações de cuidado, portanto, contribuem para ampliar as diretrizes que permeiam o cuidado em enfermagem.*

**PALAVRAS-CHAVES:** *Acidentes. Criança. Antropologia Cultural. Enfermagem.*

---

*The ethnography is a method which is appropriated to find the way of living, people's experiences, feelings, patterns, meanings, attitudes, behaviors and actions. The study's purpose consisted of talking about an ethnography approach as a way for extending a nursing caring. An ethnographic approach was used as methodology. The description of cultural domains showed how the families had perceived poisoning cases with their children, how the families had felt and which sociocultural factors, accord to world view's families, that are influencing in children's safety. Understanding that ethnographic studies to provide a knowledge about the natural environment of the people and they become useful in planning and implementing the guidelines which are present at nursing caring.*

**KEYWORDS:** *Accidents. Cultural Anthopology. Ethnography. Nursing.*

---

<sup>1</sup> Docente da Universidade de Fortaleza – UNIFOR. Doutoranda em Enfermagem na UFC. Enfermeira do Instituto Dr. José Frota, Fortaleza, Ceará. Bolsista da Fundação Cearense de Amparo à Pesquisa – FUNCAP. e-mail janeeyre@fortalnet.com.br.

<sup>2</sup> Professor Emérito da Universidade Federal do Ceará.

## INTRODUÇÃO

A etnografia é um método de estudo que tem suas raízes na antropologia e foi com Franz Boas e Bronislaw Malinowski que a etnografia se tornou realmente divulgada. Contudo, foi no século XX que se apresentou como pesquisa de campo. Malinowski ensinou não apenas a olhar, mas a escrever, restituindo às cenas da vida cotidiana seu relevo e sua cor (Laplantine, 1995).

Compartilhando com a idéia de Malinowski, Spradley (1980) acreditava que para compreender o homem, a descrição cultural é um dos primeiros passos a ser percorrido nessa compreensão. Entende, ainda, que a etnografia é a cultura estudando cultura, não só para compreender a espécie humana mas também para servir às necessidades da humanidade. Significa aprender com as pessoas, respeitando seu contexto cultural.

A etnografia é uma metodologia indicada para descobrir a maneira de viver e as experiências das pessoas, os sentimentos, ritos, padrões, significados, atitudes, comportamentos e ações. Na mais simples e extensa compreensão, a etnografia é um processo sistemático de observação detalhada, descrição, documentação e análise de estilos de vida ou padrões culturais das pessoas, permitindo entender seu ambiente familiar (Franco, 1988; Silva, 1991; Hammersley, Atkinson, 1994; Lima, 1996; Leininger, 1978, 1985, 1988, 1991; Winkin, 1998).

Escreve Spradley (1980) que a cultura é o conhecimento adquirido que as pessoas usam para interpretar a experiência e gerar comportamento, compreendendo as diversidades e similaridades, o que é comum entre todas as culturas do mundo. A etnografia contribui diretamente para descrever e explicar as regularidades e variações do comportamento humano. Esse comportamento varia dependendo da situação que a pessoa se encontra.

Baseado nessas considerações, percebemos que a etnografia ajuda a compreender os fenômenos sociais que estão envolvidos no cotidiano profissional. Desta forma, desempenhando nossa prática em um Hospital de emergência em Fortaleza, na Unidade de Terapia Intensiva, onde recebíamos adultos e crianças, percebíamos, nos familiares, sentimentos de culpa e arrependimento por não terem sido mais cuidadosos ou por não imaginarem que esse tipo de situação pudesse ocorrer consigo. Lembramo-nos claramente da fala de um pai, ao presenciar a morte de um

filho, quando afirmou *a maior dor é você vê morrer quem você viu nascer*.

As situações em que os acidentes ocorriam geravam dúvidas sobre o que poderia ter sido feito para evitar tanto sofrimento físico e emocional daquela pessoa acidentada, de toda a sua família e do seu convívio social.

A escolha de uma abordagem etnográfica, segundo Spradley (1980), na realização deste estudo se justifica porque achamos adequado à exploração do cotidiano das famílias, preenchido pelas atividades de rotina e permeado pela ambigüidade das emoções, pelas diversidades das situações que são transformadas em significados e que o pesquisador, com sua sensibilidade, tenta captar e interpretar, sem impor um etnocentrismo.

Passamos a observar melhor os acidentes domésticos envolvendo crianças e o modo como as famílias relatavam o que tinha facilitado essas ocorrências, e nos detivemos nas intoxicações exógenas, um dos tipos de acidentes muito comuns na criança.

## OBJETIVO

E desta maneira, identificamos como objetivo do estudo:

- discorrer sobre a abordagem etnográfica como um caminho na ampliação do cuidado em enfermagem.

## METODOLOGIA

Na tentativa de alcançar o objetivo do estudo, mantivemos contatos com os acompanhantes das crianças acidentadas, no ambiente hospitalar e, por ocasião da alta hospitalar, continuamos o estudo nos domicílios, para que pudessemos captar o modo de vida das famílias escolhidas. No ambiente hospitalar, os locais ficaram restritos à emergência pediátrica, setor onde é realizado o primeiro atendimento, e à unidade de terapia intensiva pediátrica, para onde são encaminhados os casos mais graves.

Um dos critérios utilizados no estudo para a escolha dos informantes foi que a família demonstrasse interesse em participar, espontaneamente, e ficamos muito gratificadas pela receptividade das famílias sobre o tema e

com o modo como nos relacionamos durante todo o desenvolvimento da pesquisa. A todos os participantes comunicamos o objetivo da pesquisa e a garantia do anonimato, salvaguardando, assim, os direitos, interesses e sensibilidades dos informantes. Outro procedimento ético realizado foi a apresentação e validação dos dados coletados, que discutíamos com todas as famílias a interpretação e compreensão dos domínios culturais e do tema cultural, ao realizarmos leituras em conjunto.

Confirmamos que esses cuidados são muito importantes na abordagem etnográfica porque o pesquisador, com o decorrer da interação desenvolvida com os informantes, passa a ser responsável pelas observações e relatos, muitos deles íntimos e confidenciais, e deve ter o máximo cuidado para não expor a intimidade das pessoas nem utilizar esses dados para objetivos contrários ao estudo.

Desta forma, os informantes do estudo foram constituídos pelas famílias que tiveram crianças com intoxicação exógena, na faixa etária de 1 a 5 anos, e que foram atendidas na emergência pediátrica e/ou UTI-Pediátrica do Hospital referência para este tipo de atendimento, no segundo semestre de 1996, na cidade de Fortaleza.

## As famílias do estudo

Selecionamos 8 famílias que tiveram suas crianças envenenadas por algum tipo de agente tóxico e, assim sendo, contactamos com as famílias Camargo, Campos, Laranjeira, Leal, Lima, Macedo, Nunes e Pinheiro, nomes estes fictícios.

Estas famílias habitam nas zonas Norte, Sul, Oeste, onde nem sempre são privilegiadas pela necessária infraestrutura que possa proporcionar qualidade de vida. Enfrentam restrições educacionais, econômicas, convivem com insatisfações pessoais, enfrentam perdas, deparam-se com doenças como o câncer, a loucura, o alcoolismo, aliados aos sentimentos de culpa e impotência diante do envenenamento de suas crianças.

Diante do problema percebemos, com efeito, a importância de conhecermos o universo cultural das famílias, para que o cuidado desenvolvido pelo profissional de enfermagem possa corresponder às expectativas das pessoas de quem cuidamos, tornando-se amplo e social.

Seguindo o que preconiza a abordagem etnográfica para a obtenção dos achados, realizamos observações, participações e entrevistas etnográficas para avançar na com-

preensão do fenômeno. A questão norteadora foi uma pergunta descritiva – relate sua experiência com acidentes em crianças no interior do domicílio a qual requereu perguntas complementares visando esclarecimento dos relatos. Todas as entrevistas foram realizadas nos domicílios dos informantes com horários e dias previamente agendados, de acordo com a disponibilidade dos participantes para que não viéssemos interferir no dia-a-dia e, conseqüentemente, no ambiente natural.

De posse dos dados coletados, iniciamos uma análise sobre os mesmos, pois, para que esta leitura analítica se realize, é preciso que o pesquisador mantenha uma grande intimidade com todo o material coletado e mentalize o cenário cultural dos informantes, na tentativa de descrever, retratar e analisar esses dados de uma forma mais fidedigna possível, respeitando a cultura e a visão de mundo dos informantes.

Para que este processo se concretizasse, os dados foram organizados e agrupados de acordo com o objetivo do estudo, e separados por famílias e informantes-chave. Após esta fase, iniciamos a primeira etapa de análise, seguindo a orientação de Spradley (1980), na qual foram identificados os domínios, as taxonomias e o tema cultural do estudo. As fases de análise de todo o material coletado não são atividades estanques, pelo contrário, elas se intercompletam a todo momento. Na fase inicial, registramos na íntegra todas as observações realizadas de cada família e, em seguida, realizamos as descrições ampliadas de todo o material coletado. Repetimos as leituras na tentativa de adquirir uma intimidade maior com os achados e procuramos nos transportar para o cenário cultural, antes de iniciarmos a análise dos domínios.

Esta análise procurou identificar quais os domínios culturais do estudo, ou seja, quais os discursos, referidos pelos informantes, que demonstraram maior significação para com o propósito da pesquisa. Estes domínios são formados por categorias que incluem categorias menores. A categoria é um modo de organizar as diferentes formas de expressar significados equivalentes. Estes domínios ou categorias culturais possuem três elementos básicos, que são o termo incluído, ou seja, a fala do informante, a relação semântica que estabelece uma ligação de significados entre os termos, e o termo encoberto, que é o nome dado para o domínio cultural.

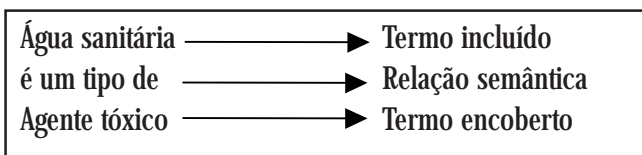
A relação semântica comporta-se como um eixo norteador para orientar a análise dos termos identificados

nos discursos, e guiar, de maneira mais ou menos uniforme, a interpretação do pesquisador, levando em consideração que interpretar está muito ligado à subjetividade de cada um. Esta é também uma forma encontrada para caracterizar o rigor científico da pesquisa.

Para chegar à identificação dos domínios culturais, selecionamos, inicialmente, pequenas partes dos discursos e procuramos, nos discursos selecionados pelas relações semânticas existentes entre os termos, de forma separada.

Continuamos a investigar possíveis termos incluídos e encobertos que se encaixavam na relação semântica selecionada. Repetimos a procura por mais domínios, usando outras partes dos discursos e diferentes relações semânticas interligadas com as questões do estudo, e listamos todos os possíveis domínios culturais identificados.

Explicitando o que seja um domínio (\*\*\*) e como ele se apresenta, ilustramo-lo a seguir:



(\*\*) Modelo adaptado de SPRADLEY (1980).

Qualquer descrição do domínio cultural sempre envolve a linguagem do informante e, se for possível, registarmos o maior número de termos do modo como as pessoas conversam, podemos usar os termos populares para construir os domínios culturais. Como forma de tornar mais compreensível, citamos termos populares, que originaram alguns domínios culturais do estudo, acompanhados de sua relação semântica correspondente:

### Inclusão Estrita

*Foi horrível, aí eu me desesperei, eu me senti culpada, ver uma filha envenenada é muito triste são tipos de sentimentos* expressos pelas famílias sobre o acidente tóxico.

### Localização para Ação

*Em cima da caixinha, naquela latinha acolá, assim num canto, em cima da estante, no alto de uma*

*escada, botei atrás do botijão é o lugar para* guardar agentes tóxicos nos domicílios.

### Causa-Efeito

*O menino estava desmaiado, dado como morto, foi logo amolecendo é a consequência* da criança ter se envenenado.

Por outro lado, quando há necessidade de introduzirmos os próprios termos para esclarecer a compreensão do domínio, a estas palavras denominamos de termos analíticos. E, por sua vez, quando utilizamos o termo popular e o termo analítico para retratar o significado cultural de forma mais clara, denominamos de termos mistos.

Neste trabalho, utilizamos, em grande parte, os termos culturais, por compreendermos que evidenciaram melhor a cultura dos informantes, mas, aconteceram momentos em que foi preciso usar os nossos termos; portanto, fizemos também o uso de termos analíticos.

Com a identificação dos domínios culturais, iniciamos a percepção geral do fenômeno estudado, e cada domínio identificado representou um importante significado cultural na visão de mundo desses informantes. Após leituras exaustivas dos dados coletados, em voltas e mais voltas ao campo de pesquisa e validação dos dados junto às famílias, alguns domínios emergiram, como ilustrados a seguir:

Tipos de acidentes acontecidos nas famílias (*Envenenar é mais perigoso*); Tipos de agentes tóxicos relatados pelas famílias (*Água sanitária, comprimido, veneno de rato, baygon, um monte de coisa*); Lugar para guardar agentes tóxicos nos domicílios (*Um canto qualquer*); Tipos de fatores que podem contribuir com o envenenamento (*A gente tem outras preocupações*); Sequência do envenenamento, como relatado pelas famílias (*Desceu de goela abaixo*); Consequência de a criança ter se envenenado (*Ela ficou tão rebelde!*); Tipos de sentimentos expressos pelas famílias (*Ninguém quer perder um filho*); Modos de a família cuidar da criança envenenada (*Mania de dar leite*); Razões para a família explicar o envenenamento (*É muita coisa para fazer*); Modos de a família evitar o envenenamento (*Estar sempre no calo da criança*); Características das crianças envenenadas, segundo as famílias (*Menino é bicho traquina\**); Modos de a família perceber acusações

\* Grafia correta traquina ou traquinas – travêso, inquieto, buliçoso, turbulento.

pelo envenenamento (*Os médicos me chamando de irresponsável*).

Como o domínio cultural, a taxonomia é uma série de categorias organizadas a partir de uma simples relação semântica e difere do domínio somente em um único aspecto. Ela mostra a relação entre todos os termos incluídos no domínio. A taxonomia revela sub-séries e o modo como estas são relatadas pelos informantes (Spradley, 1980).

Existe entre os etnógrafos e pesquisadores de campo divergências sobre a maneira de realizar a análise taxonômica. Uns são a favor de que devemos analisar a maior quantidade possível dos domínios culturais de forma geral e, outros, são da opinião de que devemos analisar poucos domínios, de forma mais aprofundada. Somos da opinião que é preferível estudar mais profundamente poucos domínios, aqueles que estão direcionados para o objeto da investigação, para se ter uma visão geral do cenário cultural. Ao realizar pesquisas etnográficas, Spradley (1980) e muitos outros etnógrafos adotaram o compromisso de se aprofundarem em poucos domínios e procurarem obter uma compreensão superficial do cenário como um todo.

Com a análise dos achados do estudo, foi possível identificar doze domínios culturais, e optamos por fazer cinco análises taxonômicas que se harmonizavam com o objetivo do trabalho. As taxonomias identificadas foram denominadas como *A gente tem outras preocupações*, *Sentimentos das famílias sobre o envenenamento*, *Explicações das famílias sobre o envenenamento*, *Estar sempre no calo da criança* e *Menino é bicho traquino*.

Mediante a realização da análise taxonômica dos domínios culturais mais significativos do estudo, emergiu o tema cultural que simbolizou a essência da investigação: *“nenhuma mãe quer que aconteça nada com seu filho”*.

Entendemos que o tema cultural é a representação de toda uma cultura sobre o assunto que está sendo investigado de acordo com a visão de mundo dessas pessoas.

## CONTRIBUIÇÃO PARA AMPLIAR O CUIDADO EM ENFERMAGEM

Após as identificações e reflexões dos domínios culturais iniciamos a compreensão do fenômeno de investigação e o domínio *Envenenar é mais perigoso* retratou que, dentre os acidentes domésticos, o envenenamento foi con-

siderado pelas famílias, como sendo grave porque apresentava uma *coisa parecida com a morte*. A diversidade dos agentes tóxicos, possíveis indutores dos envenenamentos, estão presentes no dia-a-dia das famílias e se constituiu no domínio *Água sanitária, comprimido, baygon, veneno de rato, um monte de coisa. Um canto qualquer*; um outro domínio ilustra que as famílias não dispõem de um local pré-determinado e específico para acondicionar essa gama de produtos, muitas vezes tóxicos, presentes no cotidiano familiar.

Identificando os fatores socioculturais presentes no ambiente natural e na visão de mundo das famílias, notamos que estas enfrentam situações diversas que podem predispor um contexto facilitador da intoxicação exógena, o que foi explícito pelo domínio *A gente tem outras preocupações*. Percebendo a seqüência do envenenamento nas crianças, foi possível identificar que, na grande maioria dos casos, a criança se encontrava sozinha sendo dona absoluta dos seus atos, o que foi expresso como *Desceu de goela abaixo*.

Como as famílias percebem que a criança se envenenou está relacionado às manifestações sistêmicas e/ou mudanças comportamentais com agitação psicomotora, representado no domínio *Ela ficou tão rebelde!* Os sentimentos são fortemente expressados pela culpa, medo, desespero que permearam todos os discursos e podemos entender que realmente *Ninguém quer perder um filho*. E sendo assim, as famílias procuram agilizar o tratamento, que, muitas vezes, pode ser conduzido de maneira inadequada, como foi descrito que as famílias têm *Mania de dar leite*. Na tentativa de explicarem o envenenamento das crianças dentro do contexto familiar e do seu cotidiano, as famílias justificam que *É muita coisa para fazer*, desde que a responsabilidade pela criação e segurança dos filhos fica a cargo, quase sempre, da mulher. Compreendem elas que a prevenção ainda é o melhor caminho para se evitar essas ocorrências e pontuam, dentro do contexto cultural, que para prevenir é preciso *Estar sempre no calo da criança*. Avaliam as peculiaridades do crescimento e desenvolvimento infantil e caracterizam o comportamento das crianças como sendo *Menino é bicho “traquino”*.

As famílias também expressaram os modos de perceberem acusações do profissional de saúde, que presta os atendimentos de emergências, e desabafaram como *Os médicos me chamando de irresponsável*.



A descrição dos domínios culturais mostrou como as famílias perceberam os casos de intoxicações exógenas com seus filhos, como se sentiram, quais os fatores socioculturais que, na visão de mundo dessas famílias, estão interferindo na segurança das crianças, e expressaram, de maneira implícita, a necessidade de se fortalecer as ações preventivas de saúde, no que se refere ao cuidado com os seus filhos.

E durante todos os momentos em que estávamos desenvolvendo este estudo, pudemos perceber, compreender e acreditar que um sentimento verdadeiro permeia a afirmação de que – *nenhuma mãe quer que aconteça nada com seu filho*.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos que estudos etnográficos proporcionam um conhecimento do ambiente natural das pessoas e tornam-se um aliado no planejamento e implementação das ações de cuidado, congruentes com a realidade e visão de mundo do ser humano que estamos nos propondo cuidar. Portanto, contribuem para ampliar as diretrizes que permeiam o cuidado em enfermagem.

Contudo, é necessário que novas experiências sejam realizadas, que outros fenômenos sejam investigados, e que as semelhanças e diferenças encontradas entre as culturas sejam capazes de melhorar a nossa prática profissional, colocando-nos, realmente, como a profissão detentora da arte e do saber cuidar do ser humano.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FRANCO, M. C. **Situação do familiar que acompanha um paciente adulto internado em um hospital geral**. Florianópolis: UFSC, 1988, 177p. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade Federal de Santa Catarina, 1988.
- HAMMERSLEY, M.; ATKINSON, P. **Etnografia: métodos de investigación**. Barcelona: PAIDOS, 1994.
- LAPLANTINE, F. **Aprender Antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- LEININGER, M. M. **Transcultural nursing: concepts, theories and practices**. New York: John Wiley & Sons, 1978.
- \_\_\_\_\_. **Qualitative Research Methods in Nursing**. Philadelphia: W.B. Saunders, 1985.
- \_\_\_\_\_. **Caring – an essencial human need – Proceedings of the Three National Caring Conferences**. Detroit: Wayne State University Press, 1988.
- \_\_\_\_\_. **Culture care diversity & universality: a theory of nursing**. New York: National League for Nursing Press, 1991.
- LIMA, C. M. G. et al. Pesquisa etnográfica: iniciando sua compreensão. **Rev. lat. am-enferm.**, v.4, n.1, p.21-30, Janeiro, 1996.
- SILVA, Y. F. **Doenças e Tratamentos entre Famílias do Ribeirão da Ilha**. Florianópolis: UFSC, 1991, 178p. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Santa Catarina, 1991.
- SPRADLEY, J. P. **Participant Observation**. New York: Horlt, Rinehart and Winston, 1980.
- WINKIN, Y. **A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo**. Campinas: Papirus, 1998.

RECEBIDO: 16/11/2000

ACEITO: 26/6/2001